

*fundamentais na sociedade* - mas, como foi demonstrado, isso não pode ser generalizado para todos os *chaverim* e todos os momentos de sua passagem pelo Movimento.

Pessoalmente, digo que o que me levou ao Movimento foi a Guerra. Eu tinha 13 anos quando fui tomada por um sentimento profundo de culpa: por que eu sobrevivi a tudo? uma sensação de sobrevivência carregada de culpa e de que deveria haver uma resposta vingativa ao Holocausto. Tudo o que aconteceu não deveria ficar sem resposta. E, a mim, o Movimento ofereceu essa resposta. (...) Estas são as razões "históricas" que me levaram ao Movimento. Naturalmente, as "razões" são complexas: quando se é jovem, se deseja essa "coisa" meio congregária, ficar junto com outros. Mas é difícil saber exatamente o que pesou mais [na escolha de participar do Movimento], e por que eu sim tive uma determinada consciência judaica e optei pelo sionismo como resposta e minhas duas irmãs mais velhas (adolescentes que vivenciaram a Guerra de fato) não. [12]

Alguns dos que participaram do Dror chegam a dizer, geralmente com relação a outras pessoas, que, entre as diversas motivações dos jovens para participar do Dror, estão, *muito antes do idealismo*, a oportunidade de resolver problemas pessoais e *as neuroses* de cada um. Entretanto, como diz um *ex-chaver*:

É difícil responder [quais os motivos para entrar no Dror e permanecer no Movimento], porque têm as razões que a gente pensa que são verdadeiras e as razões que são as verdadeiras e que a gente nem sabe. [23]

O fato é que, de tão atraente, o Dror seduziu até alguns não judeus que chegavam acompanhados de *chaverim* para as atividades do Movimento e aos poucos se integravam ao grupo. Vários destes emigraram para Israel sendo o caso mais notório o de Senda, um japonês que, colaborando com seus conhecimentos agrícolas na Hachshará e criando laços com os outros *chaverim*, acabou no kibutz Bror Chail, em Israel.

#### 1.4. História do Dror no Brasil

A trajetória do Dror, até o início dos anos 60, pode ser dividida em três fases.<sup>59</sup>

##### primeira fase

Após a fase de constituição, o Movimento passa por um primeiro momento caracterizado pela expansão, que coincide com o clima emotivo e mobilizador da coletividade judaica no Brasil na época do pós-II Guerra e da Independência de Israel, em que é capaz de despertar o interesse de um número significativo de jovens. Nesse período, os *chaverim* discutem e rediscutem questões como nacionalismo judaico, coletivismo, revolução, igualitarismo, incorporam à sua maneira a ideologia pioneira e as diretrizes das organizações sionistas e *chalutzianas*, tomam contato com alguns autores e obras clássicas do sionismo socialista, iniciam a estruturação do Dror tendo como referência os movimentos juvenis europeus e passam a incorporar e educar outros jovens (desde o início da adolescência) com vistas à realização de seus objetivos. Grandes encontros nacionais são realizados e instaura-se um esquema de repeti-los de tempos em tempos.

Nesse momento, inicia-se a *cristalização* das bases ideológicas do Movimento - como gostavam de chamar os *chaverim* referindo-se ao processo de aprendizado, definições e redefinições relacionados ao pensamento que caracteriza o Dror no Brasil - que se estende ainda por alguns anos. É também um período muito criativo em que as lideranças procuram suprir a falta de instrumentais educativos e de orientações de leitura e estudo e formulam os materiais e doutrinas do Movimento de acordo com suas condições e interesses. Os departamentos e comissões de *chinuch* (educação) trabalham com afinco na tentativa de elaborar programas educativos. O objetivo desses programas é dar uma certa uniformidade ao conteúdo educacional e orientar os instrutores em suas atividades com os *chanichim*. Em pouco tempo, esse trabalho se mostra bem maior e mais complexo do que se imaginava a princípio, mas, aos poucos, vai sendo realizado, passando a ser um dos principais responsáveis pelo sucesso do Dror entre os jovens.

Padrões de comportamento e elementos de uma cultura específica do Dror são esboçados nessa época. Na tentativa de *aclarar as diretrizes* e definir métodos educativos, vemos o Movimento em verdadeiro movimento, delineando seus contornos através das vozes e escritos de seus *chaverim* e a partir de sua experiência cotidiana. Assim, por exemplo, se a necessidade é *aprender mais*, procurar explicações e caminhos, organizam seminários, buscam fontes de inspiração (o nacionalismo como tradição *milénar* dos judeus?, o romantismo de Gordon? o cientificismo de Borochoy? os primeiros *chalutzim*? a trajetória de Berl Katzenelson?). Se a seriedade dos estudos e debates detém constantemente os jovens em *reuniões abafadas em locais acanhados*, o escotismo, os passeios e as atividades ao ar livre ganham defensores em nome do desenvolvimento do apego à natureza e à terra. Se o momento exige *seriedade, aproximação com o judaísmo*, escreve-se contra a *preguiça*, as piadas e as *brincadeiras em excesso*, se está ficando sisudo demais, é então hora de *deitar sobre a grama*, dançar, cantar e fazer festa. Há um grande espaço para opiniões distintas. E se os *chaverim* já são contra tudo o que é *burguês*, e procuram *desligar-se das correntes* que os liga à *vida burguesa*, ainda divergem sobre o conteúdo da palavra burguês. Nos passeios pelo Horto Florestal, algumas moças ainda se atrapalham com suas *longas saias modernas* antes que fique definido não ser esse um traje adequado à candidata à pioneira.

Para criar uma maior identificação dos *chaverim* com Israel e com o *chalutz*, as lideranças do Movimento vão procurando e sugerindo novos hábitos, costumes, leituras, danças e canções que passam a ser vistos como *do Movimento* em oposição ao que não condiz com os objetivos ou não pertence ao Dror. A rivalidade com relação ao Hashomer Hatzair, que se tornará uma constante na história do Movimento, vai ficando cada vez mais clara. Palavras em hebraico vão sendo introduzidas no vocabulário dos jovens.

É dessa época também a implantação da experiência da vida coletiva no Brasil com inauguração da Hachshará do Dror. Fazendas de preparação para a vida no kibutz como esta eram uma praxe em vários países do mundo onde existiam movimentos juvenis kibutzianos. Ein Dorot é a primeira do Brasil, seus *chaverim* estão diante de uma situação absolutamente nova, sem muita idéia de como começar a não ser por uma concepção intelectual de como deveria ser um kibutz, tendo de enfrentar desafios impostos pela natureza, o trabalho braçal e a convivência nos moldes coletivistas.

Fala-se muito, então, em *dar uma orientação ideológica firme e evitar dúvidas àqueles que, em virtude dos acontecimentos dos dias atuais, saem de seu estado de*

*indiferença e sentem que devem nos ajudar em nossa obra* sendo, portanto, necessário que os mais velhos, responsáveis pela educação e pela liderança, se instruem e se preparem para estar à altura de suas tarefas (especialmente com a expectativa de partida dos primeiros *chaverim* para Israel, cresce também a preocupação com continuidade do Movimento no Brasil). Já se ouve, nas reuniões das *kvutzot* mais velhas, as expressões *revolução pessoal e auto-realização* (no sentido de ruptura com padrões de comportamentos aprendidos e expectativas sociais e familiares em favor da incorporação dos ideais socialistas e sionistas).<sup>60</sup>

## segunda fase

Os três primeiros anos da década de 50 são marcantes na história do Movimento. Contêm elementos dos primeiros tempos, do desenrolar do processo de *crystalização* e também prenúncios da “decadência” do período posterior em que o entusiasmo sionista diminui gradativamente entre os judeus, muitos jovens abandonam o Movimento, famílias ficam assustadas com seu “radicalismo”, os *kibutzim* deixam de ser apenas sonho para os “brasileiros” e a coletividade judaica, mais acomodada, vai perdendo aos poucos o interesse por revoluções afetando também boa parte de sua juventude.

Por outro lado, é quando o Dror se define como um movimento de objetivos e ações mais concretas, decididamente voltado para a vida no kibutz: em maio de 1950, após três dias de reunião no bairro da Lapa, os jovens de São Paulo com mais de 17 anos decidem, no voto, que os ideais e as atividades do Movimento são praticamente incompatíveis com os estudos universitários. Logo, 40 *chaverim* de São Paulo abandonam seus cursos universitários e pré-universitários para se dedicarem à militância integral no Movimento. Outros abandonam o Dror. Os mais velhos levam aos mais novos e a outros *snifim* as discussões dessa reunião, fazem campanhas de esclarecimento e por fim define-se a nova postura do Movimento. Para os mais jovens, garotos e garotas, a orientação torna-se clara: encaminhar-se para cursos profissionalizantes em colégios técnicos e procurar formas de treinamentos (em oficinas, fábricas, sítios) em ofícios considerados mais úteis ao kibutz. A disparidade entre os objetivos do Movimento juvenil e os de grande parte das famílias judaicas fica evidente, o futuro de ascensão social e profissional que muitos pais vislumbravam para seus filhos fica ameaçado.

A criação da Hachshará, em 1948, havia encontrado uma certa resistência por parte dos que acreditavam que o Movimento deveria se estruturar melhor antes de abrir mão de seus líderes mais velhos e foi fruto principalmente da insistência dos *chaverim* de Porto Alegre que, esperando emigrar o mais breve possível, engrossaram as fileiras do primeiro *garin*. De fato, a continuidade do Movimento no Brasil, depois que os primeiros militantes mais velhos partissem para Israel parecia estar ameaçada. Em 1950, a empolgação sionista já não era tão marcante entre os judeus como havia sido dois anos antes. Muitos *chaverim* mais velhos do Dror estavam cursando ou pretendiam cursar a universidade, tendendo a afastar-se da idéia de *aliá* à medida que permaneciam no Brasil dedicando-se aos estudos, construindo aqui sua vida afetiva e vacilando em seu ímpeto revolucionário tão logo vislumbravam um futuro promissor nas carreiras escolhidas. Bernardo Cymyring já estava na Hachshará quando levantou o assunto e pediu que a direção do Movimento convocasse uma reunião com as camadas mais velhas de São Paulo para discutir a proposta de

dedicação exclusiva ao Movimento e seus objetivos. Chegou-se à conclusão que isso implicaria, entre outras coisas, no abandono dos estudos universitários e na chamada *profissionalização*, o aprendizado de ofícios como mecânica de máquinas, carpintaria, enfermagem, zootecnia, avicultura, apicultura, etc.. Os que defendiam a proposta argumentavam que o kibutz não necessitava de tantos médicos, engenheiros, professores e sim de uma maioria de trabalhadores braçais. Acreditavam que, mesmo o Movimento juvenil, não poderia viver de candidatos a comerciantes e profissionais liberais ou de camadas mais velhas, as lideranças, envolvidas mais com os estudos que com as atividades da militância. A questão que de fato se colocou na Reunião da Lapa foi a da definição: se o caminho era a *aliá* e o kibutz, esta decisão não só não poderia ser adiada, sob o risco de não se cumprir, como exigia que cada um se empenhasse mais para que ela se concretizasse coletivamente. Até se chegar à conclusão, que forjou a nova cara do Dror a partir de então, foram dias tensos de longas e calorosas discussões, em que eram colocadas desde questões teóricas até problemas pessoais.

Foi uma maratona, mais ou menos 50 pessoas reunidas, horas e horas. Só se parava para um lanchinho e as necessidades imediatas. Ia de manhã até à noite. O Bernardo fazia uma preleção e depois havia debates gerais. O Bernardo dirigiu o tempo todo até ficar afônico. [9]

De noite, as salinhas transformavam-se em dormitórios, onde cada um se arrumava como podia, debaixo das mesas, em cima das mesas... A comida era feita por um grupo de companheiros mais jovens, que não tomavam parte nas discussões (...) quando os "cozinheiros" perceberam do que se tratava, ficaram tão profundamente impressionados que esqueceram da comida e ficaram na reunião. (...) Após horas de debate conjunto, iam os convictos pegar os inconvictos para martelá-los pessoalmente a Verdade ainda por algum tempo. [Sigue Friesel. *Kibutz Bror Chait*, história do movimento e do kibutz brasileiros. Jerusalém. Departamento da Juventude e do Chalutz da Organização Sionista Mundial, 1956.]

Eu era uma pirralha e participava só porque morava no vizinho e tinha a missão de fazer comida e cuidar da infra-estrutura tipo papel, papel higiênico, sabonete etc. A curiosidade não me permitiu não acompanhar as discussões. De alguma maneira eu sabia tratar-se de um momento histórico. (...) Ter um filho "doktor" era o sonho de todas as famílias. As formaturas eram um grande evento e os rapazes formados eram disputados pelas moças.(...) E de repente um bando de jovens de menos de 20 anos decide atropelar o sonho que era tanto dos pais quanto dos próprios filhos. [Anna Verónica Mautner. "A segunda-feira que abalou o Bom Retiro". In *Na'Amat Brasil*. n.8. São Paulo, nov. 1995.]

A grande maioria dos *chaverim* de São Paulo que estavam na universidade, alguns inclusive já bem adiantados, no terceiro ou quarto ano da Medicina ou Engenharia, decidiu abandonar os estudos, entre eles um dos principais líderes do Dror na época, Samuel Karabtchevsky, o *Carabina*. Os mais novos, que permaneceram no Dror, optaram por não entrar na faculdade, sequer prestar vestibular. A resolução foi coletiva, a opção era individual. Ninguém seria expulso do Movimento se decidisse, por conta própria, continuar a faculdade, mas, de fato, tornou-se muito difícil prosseguir os estudos universitários sem se afastar do Movimento e dos companheiros que o considerariam *individualista* ou *fraco de caráter*. Apenas três jovens foram poupados dessa difícil escolha, pois foram considerados pelo coletivo *gênios*, rapazes com real vocação e talento para as profissões escolhidas, arquitetura, física e biologia, e puderam adiar sua *aliá* em função dos estudos embora se comprometessem com uma participação maior na militância. Esses casos causaram grandes debates sobre os critérios de exceção e os conceitos de vocação e talento, mas terminaram aceitos<sup>61</sup>.

A postura de deixar de lado os estudos universitários em função da *aliá* e do kibutz

já havia sido adotada por alguns *chaverim* mais velhos antes da reunião da Lapa (Rifka Auerbach, por exemplo, em 1949, havia largado por conta própria seu curso na USP e a política estudantil para fazer parte do primeiro *garin*). A idéia de aprender um ofício que pudesse ser útil no kibutz também já ocorrera a alguns dos *chaverim* mais novos (no Rio de Janeiro, Alberto Dines, antecipando-se à Lapa, após trabalhar em uma oficina de tratores, ingressou num curso de mecanização agrícola). O que fez esta reunião, além de cobrar uma definição imediata de cada um, foi praticamente estabelecer uma atitude padrão para todos.

Essa mudança de rumos produziu tamanho choque na vida dos jovens *chaverim* e nas expectativas de suas famílias, que a “decisão da Lapa” foi tratada como uma *revolução* em quase tudo o que se escreveu ou se disse a partir de então sobre aquele momento. Afinal, na maioria dos casos, o futuro doutor ou engenheiro seria a primeira pessoa na história da família a ter um diploma universitário. A reação dos familiares e demais adultos da coletividade judaica foi forte e imediata.

(...) na manhã seguinte, a comunidade judaica tremeu. (...) Muitos pais desejavam que os filhos fossem verdadeiros chalutzim. Estes tremeram de júbilo. Mas a maioria, mesmo os sionistas, desesperaram-se diante da decisão. [Anna Verônica Mautner. “A segunda-feira que abalou o Bom Retiro”. In *Na'Amat Brasil*. n.8. São Paulo, nov. 1995.]

Houve terríveis cenas familiares, tornadas ainda mais difíceis porque tanto pais quanto filhos não eram insensíveis às esperanças e expectativas uns dos outros.(...) as semanas e meses seguintes foram muito difíceis. [Eviatar Friesel. *The days and the seasons*. Detroit. Wayne State University Press, 1996.]

Depois da reunião da Lapa (eu tinha 15 anos, ainda não estava na faculdade), voltei para casa dizendo que iria ser tratorista. Meus pais ficaram putos! (...) Os planos deles para mim era que eu fosse médico ou engenheiro. [17]

Vários pais foram tirar satisfações e cobrar providências das entidades sionistas. Alguns ameaçaram fisicamente o líder do Movimento. Discussões nas famílias. Mães choraram desconsoladas. Pais cortaram mesadas. Muitos jovens sofreram com as brigas e o peso das decisões, tanto os que permaneceram no Movimento quanto os que resolveram abandoná-lo deixando para trás amigos e ideais acalentados; os que ficaram procuraram se unir para enfrentar a oposição. Vários saíram de casa. Uma Comuna (um local para morar, uma caixa comum, um grupo de estudos) foi criada para reunir e manter todos os militantes integrais do Movimento, aqueles que abandonaram os estudos universitários e passaram a trabalhar para o Dror, os que sofreram *represálias de ordem econômica* por parte dos pais, alguns que saíram ou foram expulsos de suas casas, outros que não tinham bem onde morar. Aqueles que tinham algum emprego assalariado ou continuavam recebendo mesada, passaram a depositar seus ganhos na caixa comum que servia para as despesas diárias dos militantes integrais e suas viagens de proselitismo: *o chaver entrega a soma total de seus ganhos e retira uma quantia para seus gastos mínimos*.

Fui um dos que largou a faculdade (...) Aí tivemos que enfrentar a reação dos pais. Meus pais não agiram muito drasticamente, mas teve gente que teve de sair de casa. A coisa foi feita. Eu já tinha resolvido que ia sair [da Escola Paulista de Medicina], estava me preparando para contar para os meus pais quando minha mãe perguntou: “- Por que você não foi à escola hoje?”. Ela não sabia de nada ainda, mas havia encontrado na rua a mãe do Nuchem [Fassa] e ele já tinha falado para a mãe dele que havia largado a escola, apesar de ter entrado em primeiro lugar na Faculdade de Medicina da USP. Minha mãe entrou em pânico, chegou correndo em casa e me fez a pergunta. Eu

respondi: "- Eu não fui porque não quis". E ela, como já desconfiava...: "- Eu te dei meu sangue etc. etc.". Então eu expliquei para ela, mas ela nunca se convenceu. A história saiu na imprensa judaica, não dava para esconder. Minha mãe não entendia e não se conformava. Meu pai discordou, mas disse que a decisão era minha. As pessoas da família me chamavam para conversar. Meu tio rico me criticou. (...) vesti um macacão e fui aprender mecânica num Colégio Técnico. Chegava em casa com o macacão cheio de graxa para o desgosto de minha mãe. (...) Nos organizamos em uma Comuna (usávamos esse nome só de gozação). O meu pai, muito camarada continuava me dando dinheiro, semanada, e eu colocava tudo na Comuna, porque eu não tinha gastos, morava no Bom Retiro, não pegava condução, comia em casa, mas havia gente cujo quarto nós precisávamos pagar. Havia mesmo solidariedade, cada um dava o que tinha. [7]

Sai de lá convicto de que era o caminho. Tanto que cheguei em casa e logo comuniquei a meus pais. O meu pai achou que eu tinha enlouquecido e que a culpa era do Bernardo [Cymyring] que, enquanto esteve estudando comigo para o vestibular, ficou solapando minha inteligência e me doutrinando sub-repticiamente. (...) As coisas em casa encresparam quando larguei a faculdade. Meus pais acharam que foi uma loucura, que não daria certo, que era um erro, e fizeram uma série de objeções ideológicas e pragmáticas. Para eles, eu deveria terminar a faculdade mesmo se quisesse ir para Israel, "- Seja médico lá e não agricultor". Claro que, no fundo, como todos os pais, eles preferiram que eu não fosse, mas a idéia da aliá não os agredia tanto. Talvez eles achassem também que, com o tempo, eu desistiria até da aliá ou que, como adulto, eu já poderia decidir meu destino. Nisso tudo não havia só capciosidade, havia uma série de convicções pessoais, de gente vivida e sofrida, como "ter uma profissão acadêmica para não depender do comércio". (...) Depois da Lapa, eu acabei saindo de casa e fui morar com outros em um local alugado, o Shituf [a Comuna], que ficava perto da Estação da Luz, na Rua Mauá, num prédio de apartamentos, uma espécie de albergue onde todos que haviam saído de casa tinham pousada. (...) Eu fui para o apartamento um pouco por querer e porque sentia que seria melhor. (...) Nem todos quiseram ou precisaram sair de casa (...). Até eu, se quisesse, poderia ficar em casa, mas quis evitar o desgaste de discussões diárias que aborreceriam meus pais e tirariam minha liberdade. Continuei tendo contato com eles, às vezes minha mãe me dava um dinheirinho, com meu pai a ruptura foi mais violenta. [9]

Alguns acabaram voltando atrás em sua decisão, devido dúvidas pessoais e pressões familiares, mas

Em geral, a maioria de nós resistiu. Deve ser dito, em favor dos pais, que quase nenhuma ruptura irreconciliável se fez entre eles e seus filhos. E, além disso, não houve nenhum rompimento entre o Movimento e a comunidade judaica. [Eviatar Friesel. *The days and the seasons*. Detroit. Wayne State University Press, 1996.]

Alguém, que pertencia à camada dirigente do Movimento na época, conta que *a reação na rua foi muito grande* e nem mesmo de Israel os *chaverim* do Dror no Brasil receberam o apoio esperado (embora isto não tenha sido muito divulgado pelas lideranças).

Os comunas diziam que isso era uma atitude antipatriótica, porque eles eram contra o sionismo (a seção juvenil do Partido Comunista dizia que o sionismo era um movimento do imperialismo americano) e quando as pessoas saíram da faculdade eles caíram de pau em cima da gente. Achávamos que em Israel teríamos apoio, mas eles meteram o pau na gente dizendo que isso havia sido a maior besteira e que o país precisava de pessoal profissionalizado... Dentro do próprio Movimento, houve gente contra (mesmo porque havia um certo bairrismo [rivalidade] entre os snifim de São Paulo e de Porto Alegre): um pessoal do Sul, do primeiro grupo que foi para Israel, dizia que Israel precisava tanto de sapateiros quanto de médicos e engenheiros, porque era um país em formação. Nossa atitude não foi tão apoiada como a gente queria (...) [mas de fato] o grosso acabou aderindo à largada dos estudos e à profissionalização operária ou agrícola.[7]

Do ponto de vista do Movimento no Brasil, a Reunião da Lapa deu certo, pois

apenas uma minoria não aderiu na ocasião ou desistiu logo após. A adesão da maior parte dos jovens foi muito importante para o Dror, não só por ter mostrado a força do coletivo como por ter acrescentado aos quadros da militância integral *gente de alto gabarito intelectual* que procurou se qualificar para as novas atividades e objetivos de vida. Nesse sentido, o Movimento se fortaleceu.

(...) a apatia cômoda e criminosa em que uma grande maioria dos judeus se encontrava foi perturbada por esses "loucos" que tiveram a coragem de pôr em prática suas idéias. (...) É de fato uma atitude desagradável para todos aqueles que acreditam ou acreditaram na redenção dos homens e dos judeus, mas que criaram a crença de que tudo já foi feito: já há um estado, uma bandeira, um cônsul reconhecido... como se isso resolvesse o problema. Como se tudo estivesse resumido em criar um gueto nacional e oficial, não um país adiantado, livre e justo. (...) Não há reerguimento nem renascimento duma nação sem trabalho e dedicação (...) nem há outra solução para a questão judaica ou melhor caminho para a questão social. (...) criamos nossas próprias concepções de vida à base de novos valores (...) isto não é ser visionário nem mártir, isto é honestidade e coerência. (...) Não deixamos as escolas por crer na ignorância (...) [e sim] para ajudar a clarear a mente de milhões de homens e ajudar a nossa e a vossa libertação do gueto e da exploração. (...) na sociedade que ajudaremos a construir, um bom pedreiro ocupará a mesma posição do intelectual (...) se queremos fazer uma revolução temos que iniciá-la conosco mesmos (...) somos idealistas sim (...) o somos no sentido de crença e fé num ideal e a conseqüente concretização, sem que isso signifique nada de especial, nem heroísmo, nem sacrifício, talvez caráter e força! (...) ninguém nos norteou nas nossas escolhas, só nossas idéias o fizeram (...) É a juventude que entende nossa língua (...) somos apenas a vanguarda, compete à vós prosseguir pela trilha (...) este é o caminho da nação judaica e do novo mundo revolucionário. [Nuchem Fassa. "O único caminho". *Dror*. n.4, jun. 1950.]

Procurou-se *levar a Lapa* para os outros núcleos brasileiros onde as discussões seguiram as mesmas diretrizes com resultados relativamente satisfatórios, variando em cada local. Na ausência de Bernardo Cymyring, outros, tais como Samuel Karabtchevsky, Davi Perlov, Nuchem Fassa, Erwin Semmel, Efrain Bariach exerceram liderança.

O episódio da reunião da Lapa continua a ser revivido na memória de seus participantes. Embora seja algo difícil de esquecer, ele foi em parte "desenterrado" em 1995 por um artigo de uma *ex-chaverá*, a psicanalista Anna Verônica Mautner, (publicado em uma revista distribuída para a coletividade judaica), em parte pelas entrevistas que realizei nesse mesmo ano e no seguinte para esse trabalho. Em vários depoimentos, percebi que as pessoas dialogavam também com um interlocutor ausente, o tal artigo. Este texto descreve rapidamente o Dror de 1950 e narra os acontecimentos de maio, contextualiza o momento e as conseqüências da decisão da Lapa para os jovens envolvidos e seus familiares. Os pontos tomados como mais provocativos foram aqueles em que a autora chama Bernardo Cymyring de *líder carismático*, afirma que *a nossa hierarquia nos parecia de livre escolha, portanto ninguém se rebelava contra ela* e mostra, através de exemplos, como o Movimento juvenil podia ser dogmático e inflexível.

Entrevistado em sua casa no kibutz Bror Chail, Bernardo Cymyring (atual Dov Tsamir) reage, recusa-se a ser chamado de *carismático*, dá sua própria versão dos acontecimentos e interpreta a sua liderança. Afirma que provavelmente sem "a Lapa" o Movimento não teria tido continuidade e realizado seus objetivos em Israel. Ressalta o grau de sucesso e originalidade que o Movimento obteve no Brasil daqueles anos.

(...) Aquilo foi criado todo o tempo e, o que é mais importante, foi criado lá, na realidade brasileira, para aquele tipo de gente e isso foi o que deu ao Movimento o seu impacto. A "Lapa" não foi de modo algum algo planejado - os que falam sobre isso hoje e me contam aquela história [não narram como eu me lembro que foi]. (...) Na ocasião, eu falei até ficar afônico e continuei falando aos sussurros. Aquilo foi a busca de uma solução que levasse o Movimento a sair de sua crise.(...) Para mim, estava claro o que eu iria fazer, mas eu não pensava em impor minha idéia aos outros. (...) já havia muito líderes de valor (...). Sei lá se foi sorte ou intuição, o fato é que consegui cantar para o Movimento gente da melhor qualidade, em algumas coisas melhores do que eu. (...) Era um grupo de gente extremamente inteligente. Se eu, naquela época, tive uma qualidade, foi a de introduzir no Movimento uma atmosfera livre onde cada um podia pensar o que bem entendesse. O David Perlov teve uma enorme influência. O Paulo Singer também (...). A Mira [Wainfeld] era uma mulher extremamente influente. O Mester, o Carabina... todos eles tiveram uma enorme influência de acordo com sua personalidade. Não me lembro de qualquer conflito com alguém que tivesse uma idéia diferente da minha. Eu era anti-stalinista. Eu não sei analisar a mim mesmo para saber qual era o tipo de liderança que eu tinha naquela época. Depois eu ouvi histórias sobre ser líder carismático, e eu ri. Naquela época, não havia nada disso, porque tinha gente com mais conhecimento e cultura do que eu em determinados aspectos e foram eles que influenciaram o Dror [nesses aspectos]. (...) Tudo aquilo era um colegiado. E eu de propósito nunca aceitei ser o Secretário Geral, nunca aceitei ser eleito "o homem", porque minha intuição dizia que, com a minha influência, mais um cargo desses seria stalinismo puro. (...) Não me identifico de modo algum com a figura do artigo, o grande líder, nunca me vi daquela maneira. As discussões eram feitas e votadas; eu acatava todas as resoluções democraticamente. Que eu tinha uma grande influência, sim, isso não se discute.

Outros entrevistados não negam a *grande influência* de Bernardo no episódio.

A Lapa saiu da cabeça dele... ele fez uma pressão psicológica para que todo mundo fosse para Israel e ele foi o primeiro a ir. Ele sabia que quem continuasse os estudos universitários acabaria se integrando. Na reunião, ele utilizou o argumento do fracasso do judaísmo alemão assimilacionista... mostrava que tinha a História respaldando seu pensamento (e eu acho que ele tinha razão). Além disso, ele era um orador espetacular, com muita fluência e um raciocínio impecável. [5]

Quando foi convocada a reunião ninguém sabia o resultado, sabíamos que era para se decidir os rumos do Movimento, as decisões foram sendo tomadas à medida em que a reunião ia transcorrendo. A coisa foi ganhando uma dinâmica de maratona de grupo, onde fomos conduzidos a ter de tomar uma decisão. Eu não tinha opinião prévia sobre o assunto, ela foi se formando aos poucos. Eu acabei aderindo. (...) O Dov tinha muito magnetismo pessoal e liderança, conseguia convencer os "hereges" para suas posições, tinha ascendência sobre gente como eu que sentia o êxtase de sua liderança. (...) [Argumentando que o exemplo do kibutz poderia afetar toda a humanidade, que o Movimento era um instrumento de realização e que cada um deveria ser conseqüente com suas idéias sionistas socialistas] o Dov conseguiu conduzir o grupo a tomar as decisões que significavam assumir a proletarização e a militância integral. Provavelmente, ele deve ter preparado alguns do grupo, pois uns aderiram antes do que outros... Não lembro quem primeiro levantou-se e disse ter "visto a luz" para que depois fosse criada a tal "corrente da felicidade"... [9]

O acontecimento da Lapa deveu-se em grande parte ao Bernardo Cymyng (o Dov Tsamir, hoje). (...) Mas está claro que para se chegar a decisões como essas não basta um líder, é preciso haver um movimento organizado, de nível, com gente pronta a realizá-las. (...) [Com amadurecimento?] Não, se houvesse amadurecimento ficaríamos nas universidades, é sim preciso ser jovem. É preciso haver a disposição para se arriscar. A idéia foi do Tsamir, mas quem "realizou a Lapa" foi o Samuel Karabtchevsky, o Carabina. [Qual a diferença entre ter a idéia e realizá-la?] O Samuel teve a coragem de sair da faculdade de Medicina no quarto ano. Se ele não tivesse saído, a história não teria sido como foi. O Dov nem estava estudando... No momento em que o Carabina saiu, a idéia passou a dar certo. [11]



Nessa segunda fase do Movimento, os anos de 1950-53, as teorias do sionismo socialista, especialmente as idéias do marxismo adaptado de Borochov, parecem ter um peso ainda maior nas definições ideológicas do Movimento. Na avaliação dos próprios contemporâneos, a partir destas leituras e da adoção do *pensamento racional*, da *interpretação histórica científica*, criam-se bases mais íntegras para a ideologia do Movimento, já não bastando apenas a emotividade dos judeus ou o romantismo de Gordon que impregnavam o Dror em seus primeiros tempos<sup>62</sup>. Em termos ideológicos, o Dror procura uma maior solidez, cresce a preocupação em estabelecer definições, princípios, concepções e forjar uma *ação educativa* mais uniforme em todas sedes do Movimento espalhadas por várias cidades. No pós-Lapa, uma nova forma de atuar soma-se ao conteúdo teórico e, na visão do Movimento, tornam-se mais compatíveis.

Em favor da *proletarização*, da identificação com o trabalhador do kibutz, as críticas à sociedade burguesa ficam ainda mais agudas. O estudo do hebraico ainda no Brasil ganha maior ênfase (embora nunca chegue a atingir os níveis desejados pelas resoluções das Assembléias, são poucos os que saem do país conhecendo bem a língua). A Hachshará, mais estruturada, é também local de visitas e congressos dos *chaverim* dando uma idéia mais concreta do que seria a vida ligada à terra. Em 1950, Ein Dorot ganha estatutos, seus princípios e estrutura organizacional ficam definidos oficialmente.

Os programas educativos continuam a ser desenvolvidos pelas comissões de educação ligadas à direção do Movimento e os *madrichim* recebem com maior frequência indicações sobre os temas de suas *sichot* - como por exemplo, "História do Movimento Operário", "Origem dos Movimentos juvenis", "Congressos Sionistas", "Materialismo Histórico", "A Reunião da Lapa"<sup>63</sup> -, os modos de desenvolvê-los, eventualmente um resumo dos pontos principais a serem abordados e até alguma indicação bibliográfica. Como os programas são feitos pelos próprios jovens, enfrentando as mais variadas questões metodológicas e dificuldades em delimitar temas e conseguir material, há bastante espaço para a criatividade e a impressão de marcas individuais do pessoal que cuida mais diretamente de sua elaboração: Mira Wainfeld, Markin Tuder, Paulo Singer, Jorge Sussman, Sigue Friesel, Helena Corinaldi, Henry Mau. Quando fica definido o encaminhamento dos mais novos para cursos profissionalizantes, *a importância do trabalho, os trabalhos manuais e as atividades físicas* ganham ainda maior relevância na educação dos mais novos.

Preocupado com o caráter ainda um pouco *diletante, empírico e circunstancial* da atividade educacional do Movimento, a liderança convoca um encontro nacional para definir a essência da educação no Dror, *fixar o conteúdo da atividade educacional, os valores à que obedece e os meios que utiliza*, e unificar a estrutura educacional do Movimento em todo país. Um dos resultados desse I Congresso Educacional (07.1950), é o texto "Fundamentos de nossa educação", aprovado com entusiasmo, cuja redação final fica a cargo do *chaver* Paulo Singer (bastante influente nas questões educacionais mais amplas do Movimento na época). Escrito basicamente para esclarecer aos instrutores e demais *chaverim*, aos simpatizantes do Movimento e à comunidade em geral as finalidades do Movimento e seus métodos educacionais, o texto traz também um esboço do tipo de gente que o Dror procura *formar* e da sociedade que busca *construir*. Além disso, define as posições do Dror diante do papel destinado à juventude na época, da relação entre indivíduo e coletivo, das questões da *revolução social* e da *auto-realização*. O Dror tem claro que

procura: transmitir aos jovens judeus a ideologia sionista socialista, levá-los a romper com o estilo de vida a que estavam acostumados, prepará-los para a vida coletiva e conduzi-los ao kibutz em Israel. As diretrizes educacionais básicas esboçadas nesse documento são reforçadas no texto da *Plataforma do Movimento* (06.1951).

O importante a ressaltar aqui é que, nesse momento, o Dror não só já tem suas diretrizes delineadas formalmente, como passa a fazer *recomendações* (e não imposições, como seus autores fazem questão de deixar claro: *não somos um Movimento de dogmas*) “oficiais” com relação à aparência, roupas, diversões, comportamento sexual e vícios de seus *chaverim*<sup>64</sup>, além da sua postura diante dos estudos universitários, agora já estabelecida em termos de Movimento sul-americano: que estes estudos *sejam levados a cabo somente por aqueles que tenham demonstrado real aptidão, vocação e utilidade*<sup>65</sup>.

O passo seguinte do Movimento brasileiro com relação à educação é enfatizar o trabalho de elaboração de programas mais completos, direcionados à determinados temas de acordo com a faixa etária dos educandos, a ampliação do alcance da *ação educativa* em termos de assuntos abordados, atividades educativas complementares e diversificação metodológica.<sup>66</sup>

Após um ano de experiência em Ein Dorot, no início de 1950, chega ao “kibutz sul-americano” em Israel, Mefalsim, a primeira parte do primeiro grupo (*garin*) de *chaverim* brasileiros e, seis meses depois, chega a segunda parte do mesmo grupo (que havia ficado no Brasil para ajudar a instalação do segundo *garin* que chegava à Hachshará). Entretanto, por uma série de desavenças com os argentinos de Mefalsim<sup>67</sup>, a maioria dos brasileiros desiste desse kibutz e vai passar um período de preparação e experiência no kibutz Afikim. Durante esse período, os *chaverim* entram em acordo com a sua Federação kibutziana e resolvem instalar-se em Bror Chail (um kibutz fundado por pioneiros de origem egípcia que passava por dificuldades) em fins de 1951. No início de 1952, chega a esse kibutz o segundo *garin* do Dror do Brasil. Com o abandono de grande parte dos veteranos de origem egípcia e a chegada dos grupos brasileiros, a maioria no kibutz passa a ser “brasileira” e Bror Chail torna-se representante do Movimento brasileiro em Israel recebendo daí em diante os novos *garinim* do Brasil e enviando *shlichim* ao Brasil.

Enquanto isso, o Dror amplia suas ligações internacionais unindo-se a outros movimentos brasileiros e de outros países e passando a ter *ex-chaverim* seus (como Bernardo Cymyring) na liderança mundial dos movimentos juvenis chalutzianos ligados ao MAPAI em Israel. Nesse processo, a educação continua tendo papel de destaque entre as preocupações do Movimento.<sup>68</sup>

Internamente, entretanto, o Dror passa por questionamentos de seus pressupostos ideológicos levantados especialmente pelo *chaver* Paulo Singer (então Secretário do Movimento) a favor do socialismo, mas não mais do sionismo como solução para o problema judeu: a maior parte dos judeus da Diáspora não está disposta a emigrar para Israel, então o sionismo perdeu sua razão histórica; para proteger os judeus do anti-semitismo é melhor ficar onde eles estão; o melhor mesmo é ficar no Brasil lutando pelo socialismo aqui mesmo, pois o socialismo, por si só, permitirá o bem estar dos homens, incluindo as minorias. Sem conseguir mudar o caráter do Movimento, Paulo Singer se retira do Dror, em 1952, acompanhado apenas por mais um *chaver*, Vítor Writhman. Ideologicamente, o Movimento segue no mesmo curso. (O episódio é relevante, pois

tornou-se referencial ainda por muito tempo depois do ocorrido, embora o Movimento procurasse esquecê-lo).<sup>69</sup>

Nessa época, o Movimento no Brasil vai perdendo também alguns outros jovens importantes de sua liderança, da geração dos “fundadores”, que desistem da *aliá* por problemas pessoais ou que, chegada sua hora, partem para Israel no segundo e no terceiro *garin* (este último, o maior dos três contingentes). A revista *Dror* deixa de ser publicada. Já são outros rostos os que definem a face do Movimento.

Em meados de 1953, o *Dror* avalia sua situação e reafirma posições:

A passagem do entusiasmo e da crença ingênua (...) para a compreensão, fé e determinação maduras, produto de análises objetivas - mesmo em confronto com o ceticismo geral - foi árdua e custou não poucos fracassos e quedas. Dentro e fora proliferaram os maus profetas do fim iminente (...) [mas] alcançamos a confiança na verdade de nosso caminho e meta, cujo centro de gravidade é Eretz e a *hagshamá atzmit*. (...) Nossos valores e objetivos sujeitos à discussão e revisão, solidificaram-se. [*Il Kinus Artzi do Ichud Hanoar Hachalutzi*. ago. 1953].

### terceira fase

Em meados dos anos 50, o Movimento já está *cristalizado* e continua enviando regularmente *chaverim* para Israel. Alimenta novos *snifim* (Salvador, Recife) e perde outros. O passar dos anos mostra ser cada vez mais difícil reviver a época áurea dos movimentos juvenis e conseguir, entre os jovens, a mesma quantidade de interessados em sionismo e socialismo. A diminuição numérica dos *chaverim* é nítida e crescente. Entretanto, nem por isso o *Dror* deixa de ter *chaverim* dedicados, apaixonados e tão envolvidos quanto os havia nos primeiros tempos.

Apesar das dificuldades por que passa, inserido em uma coletividade mais acomodada e já um pouco mais apática à causa sionista, o Movimento possui uma doutrina mais clara, uma orientação educativa mais centralizada com uma variedade maior de materiais didáticos e uma organização interna definida. Além disso, conta com o respaldo (não tão grande quanto seus dirigentes gostariam) do kibutz em Israel e seus enviados, figuras muito importantes numa época em que o trabalho de proselitismo é cada vez mais complicado, muitas vezes servem de incentivo e exemplo, estabelecem um contato dos *chaverim* com a realidade de Israel, colaboram em termos intelectuais, organizacionais e até financeiros, levantando dinheiro para o Movimento entre as entidades judaicas. O trabalho educativo é planejado por períodos mais longos e os programas adotam formas mais *fixas e duradouras*.

Se antes o *Dror* viveu o período de maior ênfase na “gestação” da ideologia e no estabelecimento de padrões de comportamento (que afetam o cotidiano dos *chaverim*, das vestimentas, leituras e gostos às relações de gênero, dos relacionamentos familiares às opções educacionais), agora vive a fase de “consumo” e “aplicação” dessa ideologia e padrões. A “geração pós-Lapa” do Movimento já recebe a diretriz *proletária* em versão definitiva<sup>70</sup> - *universidade, nem pensar* - e se encaminha normalmente para cursos profissionalizantes (aqueles que pretendem continuar no Movimento e conseguem fazer frente à forte oposição dos pais). O episódio da *crise* que envolveu o jovem Paulo Singer, está praticamente enterrado (nas raríssimas vezes que alguém ouve falar no assunto, o *ex-chaver* é visto como um dissidente, que foi intelectualmente importante para o Movimento, mas *traiu a causa*).

Muito do que antes era “recomendação” passa a ser “norma”. Livros antes “sugeridos” são agora leitura praticamente obrigatória; ninguém mais se lembra quem descobriu *Jean Christophe* e achou que deveria ser lido pelos companheiros, mas todos sabem que isto *tem* que ser feito.

Os jovens que, a partir de 1955, estão nas camadas mais velhas, assumindo a direção, estiveram no Dror desde a adolescência, foram criados no Movimento, forjados por ele. (Entre as lideranças, segundo depoimentos, estão Iochi Rappaport, Zício Simbalista, Elisa Suskind, “Zinho” (Isaac) Karabtchevsky, por volta de 1956, e, mais tarde, Aron Kremer, Moisés Bentkovich, Bernardo Kucinski, Nair El Asari e outros). São frutos de uma *ação educativa* mais definida e consolidada que nas “primeiras fases”, quando os jovens da camada superior haviam ingressado no Movimento em idade mais avançada (tendo passado boa parte da juventude fora do Dror) e quase tudo ainda estava por ser criado, resolvido e incorporado, em questões de ideologia e de comportamento (por exemplo: usar gravata?, não usar batom?, freqüentar bailes?... dividir tarefas como passar ou cozinhar entre rapazes e moças? cantar o quê? dançar como?).

Examinando o material produzido pelos jovens do Movimento e analisando vários depoimentos, percebemos facilmente que, apesar de poder ser considerado herdeiro dos movimentos europeus, o Dror brasileiro não recebeu e simplesmente adaptou doutrinas prontas e acabadas. Uma grande dose de espontaneidade fazia parte da constituição, releitura e aplicação das idéias sionistas socialistas. As leituras teóricas dos *chaverim* seguiam determinadas linhas (Borochov, Gordon etc.), mas estavam sujeitas a fatores aleatórios como bibliografia e traduções disponíveis (um material não muito numeroso), interpretações subjetivas dos membros mais envolvidos com os livros e interessados em questões ideológicas (que divulgavam o que aprendiam) e simpatias pessoais. Em termos educacionais, o próprio Movimento reconhecia a falta de uma *tradição educativa estável* argumentando que *as insuficiências de seu empirismo educativo* só podiam ser compensadas pela *qualidade e responsabilidade* de seus educadores<sup>71</sup>. Por vezes, um texto (um romance, uma canção, um autor) “descoberto” por alguém passava a fazer parte das discussões dos *chaverim* e, mais tarde, tornava-se obra de referência do Movimento. *Chaverim* com dotes artísticos, fãs de música erudita ou com facilidades para danças, teatros, jogos e entretenimento deixavam suas marcas no estilo do Movimento. *Chaverot* sensibilizadas por questões de desigualdade sexual tratavam de cobrar posturas igualitárias imediatas de seus companheiros. Assim, mesmo a proposta kibutziana, a oposição aos valores burgueses e o ideal da *proletarização* não vieram prontos em um manual, surgiram das leituras, discussões e posicionamentos do grupo. Entretanto, o grau de espontaneidade em questões ideológicas, de princípios educacionais básicos e até de normas de comportamento diminuiu ao longo do tempo à medida em que as idéias do Movimento foram ganhando forma, *cristalizando-se*.

Ao “Fundamentos da Nossa Educação” (1950), seguiram-se vários outros textos, cada vez mais detalhados, que apontavam as diretrizes da *ação educativa* do Movimento. Pelo menos dois deles são da “terceira fase” - *Princípios de nossa educação* (1956, redigido por Markin Tuder) e “Educação de nosso Movimento” do livro *Kibutz Bror Chail* (1956, redigido por Sigue Friesel) - ambos enviados de Israel como material para o Brasil.

O tempo também possibilitou o aparecimento de programas mais ou menos estruturados e manuais educacionais, para os diferentes grupos de idade, que definem desde as linhas teóricas do Movimento até a melhor maneira de se ensinar a história de Moisés ou de falar de sexo com os *chanichim*. Surgiram também listas de obras de referência (não só políticas, mas também de história, literatura, arte e psicologia), livro de canções, textos de teatro, e algumas expectativas e regras de aparência e comportamento definidas por escrito.

Até 1955, os programas educativos, as listas de livros e os materiais para as *sichot* são elaborados exclusivamente no Brasil por grupos especiais encarregados e pelos próprios instrutores que se reúnem semanalmente em grupos de estudo, com um orientador educacional (um *chaver* um pouco mais experiente), para discutir os temas, trocar idéias sobre as leituras feitas, o material encontrado e as propostas de trabalho que cada um desenvolve com seus educandos. Entre os educadores há alguns com noções de pedagogia (aprendidas no curso de Magistério), outros com facilidade para ensinar os mais jovens e outros ainda com grande capacidade para atividade escáuticas que contribuem para o crescimento do grupo. Aproveita-se também alguns temas, atividades e programas que já haviam sido definidos anteriormente no Movimento, cabendo aos *madrichim* pesquisar livros e artigos sobre o assunto para preparar suas palestras. Os orientadores dos *madrichim* também se reúnem para discutir com o Secretário da Cultura aspectos mais gerais, a programação do ano, o conteúdo dos acampamentos, pedagogia, didática e metodologia.

Nós fazíamos uma cultura paralela, informal, mas que deu frutos extraordinários, gente muito boa descobriu naquela época qual era o seu caminho. [21]

Entre os jovens havia de fato alguns com muito boa formação, não sei se eram autodidatas ou se aprendiam muito rápido... [25]

A partir de 1955, o Movimento no Brasil passa a receber materiais e programas produzidos em Israel, vários deles confeccionados por seus ex-*chaverim*, já com 25 ou 30 anos, membros do kibutz Bror Chail (que dedicam parte do seu tempo a estudar, consultar professores e bibliografia, obter auxílio didático etc. e buscam inspiração, entre outras coisas, em materiais dos movimentos juvenis de Israel ligados à Histadrut). Cada programa conta com mais de 200 páginas, em português ou espanhol, encadernadas, e equivale a um semestre ou um ano de atividades educacionais nas *kvutzot* de determinada faixa etária, incluindo mapas, indicações bibliográficas e sugestões de atividades externas.

Os programas vindos de Israel eram muito bem elaborados (acho que até hoje se se submeter a um programa escolar há o que tirar de lá...) e vinha uma bibliografia sugerida (...) eram elaborados em forma de apostilas muito bem apresentadas e, às vezes, com trechos de livros que a gente aproveitava aqui - a gente podia ler e acrescentar. Isso nos orientava e facilitava muito nosso trabalho. Essas apostilas serviram ao Movimento por muitos anos (pelo menos até 1961) e foram muito úteis. Abarcavam desde o *tzofé* até a idade dos 20 anos. O programa dos *tzofim* saiu elaborado de uma maneira muito precisa: trabalhos manuais, como fazer, qual a finalidade didática etc.... (O negócio realmente tinha pretensões!) À medida em que ia subindo de idade, as noções ficavam mais imprecisas e se promovia debate e discussões e a coisa na verdade dependia muito mais da criação local. (...) havia então um texto básico, não que alguém fosse cobrar aquilo do *madrich*, porque ninguém cobrava nada de ninguém, mas era um caminho. [25]

Esses programas passam a servir de indicação aos instrutores que continuam se reunindo como antes e contribuindo com doses de sua criatividade e disposição para o

trabalho. Também não impedem que novos livros sejam incorporados como leituras do Movimento, que novos autores sejam descobertos (como Leszek Kolakowski, cujos textos contestadores do regime soviético tornam-se “leitura do Movimento” em 1958, poucos meses depois de sua publicação na Polônia), que materiais educativos continuem sendo elaborados e que novos métodos de ensino sejam experimentados (como, por exemplo, “a educação através da arte”). Um exemplo do espaço da criatividade no Dror dessa época é o hábito difundido entre os *chaverim* mais velhos de ler e discutir as “capas dos cadernos” do jornal *O Estado de São Paulo*, que traziam textos de autores como Isaac Deutscher entre outros.

A análise dos depoimentos colhidos e a pesquisa documental mostram que muitas idéias do Dror foram adquirindo um caráter mais dogmático e rígido com o tempo. Essa tendência parece ter ocorrido também com relação a questões de comportamento. Por outro lado, a quantidade enorme de trabalho que recaía sobre os ombros da jovem elite (lideranças intelectuais, dirigentes, militantes integrais, instrutores) do Movimento - fazer proselitismo, organizar material didático e de divulgação, proferir palestras, participar e coordenar acampamentos de todos os grupos de idade, estudar, discutir, realizar atividades, garantir a sobrevivência econômica do Movimento, estabelecer contatos, participar de seminários educativos no Brasil e Argentina etc. - pesava a favor da improvisação e da oscilação ora para a criatividade, ora para a facilidade de adoção de fórmulas prontas.

As preocupações e prioridades do Movimento também variaram ao longo dos anos. Se nos anos 40 e início dos 50, a chama revolucionária recebia alimento dos recentes acontecimentos internacionais, o proselitismo era mais fácil e as questões de conteúdo (pela *aliá*, pelo kibutz, pela proletarização, a realização pessoal, o papel do jovem) tinham de ser definidas, a partir de meados dos anos 50, quando essas linhas estavam mais claras, a tarefa de conquistar adeptos e ganhar a simpatia das famílias é mais árdua e o Dror preocupa-se muito com as questões de forma (como se manter? como atrair mais meninos e meninas? qual a melhor maneira de educar adolescentes?).

Ao comemorar os dez anos de Ein Dorot, o Movimento conta com *snifim* em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Curitiba, Recife e Salvador. Mantém boas relações com a direção do Movimento Mundial<sup>72</sup> do qual recebe bastante material e apoio educacional<sup>73</sup>. Reconhece que, embora tenha mais experiência e instrumental educativo, no trabalho prático, nem sempre os *madrachim* têm sucesso em seguir as diretrizes estabelecidas. Em termos ideológicos, avalia: *nesses últimos anos, pudemos notar uma queda nos estudos e conhecimentos ideológicos dos chaverim (...) decaíram os grupos de estudo e os seminários ideológicos. Quanto à profissionalização: permanece um ideal do Movimento, mas perdeu terreno diante das necessidades da militância exclusiva nos snifim; ocorre em menor número e intensidade.*<sup>74</sup>

O final dos anos 50 não é favorável a movimentos como o Dror. Após uma década como Estado constituído, Israel moderniza-se, amplia-se o capital privado, o exército se profissionaliza, a produção agrícola também e algumas contradições do “socialismo numa única nação” do mundo kibutziano vão se revelando. Os *kibutzim*, que perderam muito de seu poder político, são obrigados a passar por mudanças estruturais e organizacionais que afetam vários de seus principais valores institucionais<sup>75</sup>. Entretanto, ideologicamente, o Movimento no Brasil parece estar imune a essas transformações (provocando desilusões posteriores em alguns de seus *chaverim*).

Em fins de 1958, o Movimento considera que o kibutz Bror Chail já está *concretizado, completo*, e prepara o envio de seus próximos *garinim*, a partir do oitavo, para o kibutz Erez, fundado por nativos israelenses bastante próximo à fronteira com Gaza, que seria o novo *kibutz de base* do Dror brasileiro. De 1959 a 61 fazem *aliá* os jovens destinados a Erez. Entretanto, são muitas as dificuldades e os desentendimentos dos brasileiros neste kibutz fazendo com que uma boa parte logo desista e volte para o Brasil<sup>76</sup>, enquanto outros se mudam para Bror Chail, para outros *kibutzim* ou para alguma cidade no país. Ventos de desânimo atravessam o oceano e atingem o Movimento no Brasil.

Na década de 60, o Dror perde expressão numérica e sua importância diminui no Brasil<sup>77</sup>, o que, ao menos em parte, pode ser entendido pela melhoria das condições de existência da coletividade judaica no período.

Se fossemos nos pautar simplesmente pela avaliação do Dror, através das primeiras páginas do livro *Bror Chail*, (uma espécie de veículo semi-oficial do Movimento), teríamos a constatação de que, nessa época, o Movimento sionista na coletividade judaica brasileira estaria relacionado quase que apenas a campanhas financeiras para ajudar Israel, sem elementos educativos importantes, sem vontade real de participar da construção de Israel: com exceção dos movimentos juvenis, não haveria na comunidade judaica um interesse sério no sionismo, e sim identificações sentimentais inconseqüentes ou filantrópicas. No Brasil, os judeus não estariam sentindo as ameaças e inseguranças da Europa. Pelo contrário, em geral, a comunidade estaria ficando mais rica e seus membros adquirindo posições sociais mais elevadas, enviando seus filhos ou netos para a faculdade. Enfim, a comunidade judaica no Brasil não estaria enfrentando dificuldades em adaptar-se à cultura do país sem abrir mão de suas crenças e práticas, embora, aplicando o método de Borochof, o livro afirme que o anti-semitismo organizado surgirá no Brasil logo que *a expansão econômica brasileira atinja seu ponto de saturação determinando o início da pressão contra todas as minorias possíveis de serem afastadas do mercado concorrente*<sup>78</sup>.

Deixando de lado as projeções e convicções ideológicas e consultando outros autores que nos contam sobre a situação dos judeus no Brasil nos anos 50, temos que esta avaliação, apesar de incompleta, parece ser, em alguns pontos, bem convincente. De fato, vários concordam (e os entrevistados confirmam) que, no Brasil, o grau de anti-semitismo nos anos 50 era relativamente baixo<sup>79</sup>. No período posterior ao término da II Guerra (principalmente na década de 50) muitos judeus, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, conseguiram, *em virtude de condições bastante favoráveis, uma rápida integração econômica, tornando-se um dos setores mais prósperos da nova classe média*<sup>80</sup>. A década de 50 favoreceu a integração dos judeus à sociedade brasileira: *as oportunidades de ascensão social, via mercado, tornavam-se cada vez mais nítidas, sobretudo para profissionais habilitados e de formação superior*; diante do mercado de trabalho os judeus não precisavam fazer nenhum esforço como grupo específico para defender direitos de igualdade de oportunidades e cidadania<sup>81</sup>. Além das possibilidades econômicas, a integração dos judeus na sociedade brasileira, nesse período, também foi possível graças à falta de *mecanismos explícitos de diferenciação étnica*; sob o aspecto político, o país *respirava ares de democracia revelando timidamente a formação de um cenário pluralista favorável aos judeus*<sup>82</sup>.

Diante desse quadro, muitas famílias judias puderam mudar seu estilo de vida e sonhar com um futuro promissor para os seus filhos. A geração dos nascidos aqui, além de não ter tido o contato como o de seus antepassados com as tradições judaicas, viviam uma realidade muito diferente da juventude de seus pais e avós imigrantes, que abandonaram suas regiões de origem, onde haviam sido discriminados e perseguidos, na maioria das vezes pensando em não mais voltar. Essa nova geração tinha condições de se adaptar e viver com um certo conforto se se dedicasse aos estudos e/ou soubessem aproveitar a demanda profissional e econômica do país adotivo. Assim, os filhos de imigrantes judeus, mesmo que freqüentassem escolas judaicas por um tempo (e muitos já não o faziam), aspiravam, com o apoio dos pais, às *carreiras e profissões liberais e técnicas oferecidas em escala crescente pelo desenvolvimento econômico nas cidades*. Quando ingressavam na universidade, ou passavam a exercer *atividades profissionais comuns com os membros da alta classe média brasileira*, então, a acomodação à vida brasileira parecia completa<sup>83</sup>. É evidente que havia uma parcela da coletividade que, por razões diversas, não tinha conseguido maior sucesso econômico, mas os mecanismos de solidariedade (como bolsa de estudos para os filhos, assistência social e religiosa para as famílias) já estavam bastante desenvolvidos entre os membros do judaísmo brasileiro, de maneira a permitir a integração na sociedade geral mesmo dos mais pobres.

Parece claro, portanto, que, mesmo havendo na coletividade judaica dos anos 50 simpatias e até militâncias sionistas, mesmo pairando entre os judeus uma certa sensação de insegurança relacionada ao passado judaico recente em geral e a manifestações anti-semitas localizadas em particular, mesmo entendendo o Estado de Israel como um símbolo de identificação nacional, não havia nenhuma força comparável às grandes pressões sócio-econômicas e violências sofridas nos países de origem que motivasse os judeus instalados no Brasil a emigrar imediatamente.

Especialmente logo após a II Guerra, mas também depois, muitos jovens aderiram ao Dror entusiasmados com o sionismo e o *ambiente judaico* (por serem judeus), com sua estrutura e suas atividades (por serem jovens) e até com o socialismo (por serem sensíveis à questão social). Boa parte deles, entretanto, percebia que não estava de fato interessada em emigrar e viver no kibutz.<sup>84</sup>

Até 1963, o Movimento já havia enviado em *aliá* aproximadamente 415 jovens<sup>85</sup>.

#### 1.4.1. Números

Praticamente todos os números do Dror são meras estimativas. É impossível quantificar com exatidão os participantes. Em vários momentos, o Movimento (que optei por chamar de Dror para facilitar) uniu-se a outros, mudando de nome e, algumas vezes, multiplicando seus membros, também passou por algumas crises e foi decaindo aos poucos à medida em que baixava a onda sionista. Havia sempre jovens mais envolvidos e outros que apareciam esporadicamente participando apenas de algumas atividades como os acampamentos ou os debates ideológicos (segundo alguns, esses debates eram tão interessantes que atraíam não-judeus preocupados com o socialismo, como o jovem Otávio Ianni, que mais tarde, quando o Movimento definiu-se pela *aliá*, teve de retirar-se). Além disso, não eram todos os que entravam no Dror aos 10 anos para embarcar com 19 ou 20



definitivamente para Israel. Assim como havia desistências, havia jovens que ingressavam com mais idade e pessoas que se juntavam ao Movimento apenas no momento da *aliá*. O próprio Dror nunca conseguiu saber ao certo o número de seus membros. (Apesar do tamanho e do surpreendente grau de eficiência para o que se propunha, o Movimento não era muito organizado em termos administrativos, não havia listas gerais confiáveis com os nomes de todos os seus participantes e suas atividades). A cada congresso, repetia-se o apelo para que se estabelecesse um mínimo de controle sobre isso, organizando fichários e arquivos, tarefa sempre relegada a segundo plano diante da enormidade de atividades desempenhadas pelos membros mais envolvidos.

Sabe-se que o auge dos movimentos juvenis pioneiros no Brasil ocorreu aproximadamente entre 1948 e 1953, período em que tinham uma visibilidade notória na coletividade judaica e eram muito ativos.

Segundo avaliação da I *Moatzá Artzit* (Assembléia Geral), o número de participantes do Dror cresceu, entre julho de 1949 a março de 1950, de 1200 para 1500.

No início de 1949, o Movimento contava com 80 membros em São Paulo. Por volta de 1950, o Dror, em São Paulo, teria, aproximadamente, 600 membros (650 em 1951) com idades variando entre 10 e 20 anos (um número semelhante ao do movimento Hashomer Hatzair; outros movimentos, menores, teriam juntos entre 100 e 200 membros), segundo cálculos posteriores de um de seus ex-participantes<sup>86</sup>. Seriam bem mais, segundo as estimativas de outro: *durante o ano de 1948, o Movimento que até então agregava cerca de 100 jovens em São Paulo, atingiu a cifra de 800, procedentes de todos os bairros da capital*<sup>87</sup> - o que nos leva a pensar, para este ano, em mais de 1300 *chaverim* no Brasil todo. Em 1956, entretanto, o número de membros do *snif* de São Paulo era de aproximadamente 300 jovens (incluindo os da dirigência e os da Comuna); entre os membros das *kvutzot*, perto de 22% tinham mais de 17 anos. Nesse mesmo ano, o *snif* do Rio de Janeiro contava com 129 membros (pouco se compararmos com os 100 do *snif* de Niterói, um dos menores do Dror, em 1948).<sup>88</sup>

De 1950 até 1959-60, o Movimento teria decrescido em São Paulo de 700 para 170 membros, diminuição não apenas quantitativa, mas qualitativa, considerando-se a distribuição etária dos *chaverim*: *não temos dados a respeito de 1950, mas é possível estimar que naquele ano pelo menos 30% dos membros tinham mais de 17 anos de idade; hoje [1961], apenas 17% (30 em 170) têm mais de 17 anos, enquanto 44% estão abaixo dos 13 anos*<sup>89</sup>. Em 1963, segundo dados da Organização Sionista Mundial, o Movimento no Brasil contava, no total, com 770 membros (entre 10 e 18 anos)<sup>90</sup>. (Um número nada desprezível para uma coletividade judaica de poucas dezenas de milhares de membros no Brasil todo).

Segundo os entrevistados, pessoas que participaram do Dror em momentos diferentes, em geral, o número de pessoas do sexo masculino e do feminino era equivalente.

Uma leitura rápida dos acontecimentos relacionados ao Dror poderia dar a impressão de que se tratava de um grupo constituído aleatoriamente, ao sabor de vontades robustas ou dóceis. Mas não foi assim. As raízes do Movimento estão profundamente fincadas na Europa e na Terra de Israel. É nessas regiões que vamos encontrar os ideólogos, os pensamentos e as práticas em que os *chaverim* se basearam para sustentar suas posições, como veremos no próximo capítulo.

<sup>1</sup> a palavra *movimento* era empregada pelos próprios contemporâneos.

<sup>2</sup> J. PINSKY. *Judeus no Egito Helenístico*. FFCL- Assis, 1971.

<sup>3</sup> bundistas são os partidários do Bund, partido social democrático judaico, revolucionário, originário da Rússia.

<sup>4</sup> S. FRIESEL. *Kibutz Bror Chail: história do movimento e do kibutz brasileiros*. Jerusalém. Departamento da Juventude e do Chalutz da Organização Sionista Mundial, 1956. ; G. BOLAFFI (1963); M. GRIN (1997); R. GRÜN (1999).

Os judeus, ao virem para o Brasil, já traziam das comunidades judaicas da Europa suas diferenças ideológicas. No Brasil, muitas dessas tendências se mantiam criando na comunidade judaica um *universo plural* com diferentes interesses e ideais acalentados *pelos vários subgrupos que a compunham* (M. GRIN 1997).

No Brasil, a comunidade judaica acabava se fragmentando em grupos, associações (esportivas, culturais, políticas, religiosas) e estilos de vida conforme suas diferenças internas, ou seja, de acordo com fatores como local de emigração, local de residência, condições econômicas, nível cultural, posições políticas e religiosas. (G. BOLAFFI 1963).

<sup>5</sup> ver, por exemplo, M. GRIN (1997).

<sup>6</sup> G. BOLAFFI (1963).

<sup>7</sup> após 1946 vieram também nas *ondas sucessivas de refugiados* judeus do Egito e da África do Norte. Os últimos anos da década de 50 marcam o fim das grandes ondas migratórias de judeus para o Brasil. (H. RATTNER 1977).

<sup>8</sup> Sobre as origens do nacionalismo judaico ver J. PINSKY (1997).

<sup>9</sup> ver, por exemplo, G. BOLAFFI (1963); A. MAUTNER (1995).

<sup>10</sup> As atividades ligadas ao sionismo (divulgação de informações sobre os judeus na Palestina, coleta de fundos para a aquisição de terras e a colonização da Palestina, propaganda sionista), existentes no Brasil nos anos 20 e 30, haviam sido proibidas pelo decreto do Estado Novo de 1938 que desautorizava o funcionamento de organizações políticas internacionais no Brasil. Movimentos juvenis judaicos em atividade no Brasil dos anos 30, como o Hashomer Hatzair e o Betar, também foram fechados em função disso. Até a suspensão do decreto, em 5 de abril de 1945, simpatizantes do nacionalismo judaico promoveram eventos culturais e, no período da II Guerra, ajudaram judeus vitimados pelo conflito internacional. ([1]; N. FALBEL (1996). Para detalhes sobre a história das atividades sionistas no Brasil, ver N. FALBEL (1996).

<sup>11</sup> Em 19.09.1945, os Estados Unidos aprovaram o estabelecimento do Lar Nacional Judaico na Palestina; a partir dessa data, intensificou-se a luta contra o domínio Britânico até que, em 29.11.1947, o Plano de Partilha da Palestina foi aprovado na Assembléia Geral das Nações Unidas; multiplicaram-se, então, os conflitos armados entre árabes e judeus; em 14.05.1948, finalmente, foi proclamado o Estado de Israel e, no ano seguinte, terminava a Guerra de Independência de Israel e o país assinava o armistício com o Egito, o Líbano, a Jordânia e a Síria.

<sup>12</sup> como afirmam respectivamente S. N. EISENSTADT (1976) e R. CARDOSO (1959).

<sup>13</sup> Hashomer Hatzair ("Jovem Guardião") - movimento juvenil judaico nascido na Polônia, na região da Galitzia, em 1913. Em 1918 formou seu primeiro grupo destinado a emigrar para a Palestina com o objetivo de trabalhar na terra. Seus membros tiveram um papel importante na colonização e ocupação das fronteiras do futuro Estado judeu, nas organizações de defesa da coletividade judaica na Palestina como a Palmach e na resistência contra o nazismo. Entre seus militantes mais famosos estão os nomes de Hanna Szenes, Haviva Reik e Mordechai Anielewicz (líder da resistência no Gueto de Varsóvia).

Betar - sigla de Brit Trumpeldor ("Casa de Trumpeldor", Trumpeldor (1880-1920) foi um *herói* judeu que lutou contra a dominação inglesa na Palestina), organização sionista juvenil fundada na Lituânia por Jabotinsky em 1923 e identificada com o revisionismo, que representava uma corrente de direita no movimento nacionalista judeu. (N. FALBEL 1996).

<sup>14</sup> Herut ("Liberdade") - partido israelense criado em 1948 procedente do movimento sionista revisionista e do Irgun Tzvai Leumi (1937-1948 - "Organização Militar Nacional" - agrupamento de resistência militar clandestino que a partir de 1937 atuou contra os ataques árabes e as autoridades inglesas, favorecendo a imigração ilegal de judeus para a Palestina e a luta pela independência política de Israel - S. N. EISENSTADT 1977; F. CZERESNIA 1998), liderado por Menachem Begin. Mais tarde, o Herut deu origem ao partido de

direita Likud.

<sup>15</sup> Poalei Tzion (“Trabalhadores de Sião”) - movimento político sionista socialista surgido no Império Russo no final do século XIX; definido como partido organizado e marxista em 1906 (Partido Social Democrata Operário Judeu “Trabalhadores de Sião”), seguia, então, as idéias sionistas socialistas de Borochof. Com a *aliá* de muitos de seus membros, o partido adquiriu grande importância na vida judaica na Palestina. Em 1930, por obra de Ben Gurion entre outros, o Poalei Tzion fundiu-se ao partido Hapoel Hatzair, criando, então, o MAPAI (sigla de Mifleguet Poalei Eretz Israel - Partido dos trabalhadores de Israel) que muito contribuiu para a fundação do Estado de Israel. (H. SACHAR 1958; S. N. EISENSTADT 1977). Desde sua fundação até 1977 (quando perdeu as eleições para a coalizão de direita Likud), o MAPAI, considerado esquerda moderada, foi dominante nas instituições nacionais pré-estado, como a Agência Judaica e a Histadrut (Federação Geral do Trabalho) e, após a proclamação do Estado, na Knesset (Parlamento), no governo e na maioria dos conselhos municipais. A colonização pioneira (dos *kibutzim* e *moshavim*), importante base ideológica e política do partido, constituía 46,8% de seus membros em 1941, porém teve sua influência diminuída a partir de 1948; em 1950, representava 19,5% e em 1964, 11,9%. Em 1947, apoiou a divisão da Palestina. (F. CZERESNIA 1998). Com a proclamação do Estado, Ben Gurion, líder do MAPAI, foi eleito Primeiro Ministro pelo Parlamento. Em sua gestão, Golda Meir foi Ministra das Relações Exteriores. Depois, ela própria ocupou o cargo de Primeiro Ministro.

<sup>16</sup> MAPAM (“Mifleguet Poalim Meuchedet”) - partido fundado em 1948. Pretendia ser representante de todos os operários da região da Palestina, inclusive os árabes. Em Israel, era considerado um partido de esquerda radical. O MAPAM *proclamou sua fidelidade ao comunismo stalinista e, entre os anos 48 e 52, adotou uma clara linha pró-soviética. Esta identificação com o bloco comunista começou a sofrer abalos a partir de 1952, com o processo Slanski, na Tchecoslováquia, o processo dos médicos em Moscou (1953), o relatório de Kruchev sobre os crimes de Stalin (1956), o acordo de cooperação militar da URSS com o Egito.* (F. CZERESNIA 1998).

<sup>17</sup> *Il Kinus Artzi do Ichud*. julho, 1953.

<sup>18</sup> David PERLOV. “Hashomer”. *Boletim Informativo da Kivutzá Berl Katzenelson*. 23.08.1948.

<sup>19</sup> D. B. GURION, “Discurso sobre sionismo e estado”. *Dror*. n.5, nov. 1950.

<sup>20</sup> J. PINSKY (1977); B. FAUSTO (1997).

<sup>21</sup> J. GORENDER (1998); B. FAUSTO (1997); depoimentos [27], [25], [15], [13], [23], [18]. A partir dos depoimentos colhidos, constatamos que vários ex-droristas e irmãos mais novos de ex-droristas envolveram-se ativamente na luta contra o regime militar no Brasil.

<sup>22</sup> *Nouveau Dictionnaire Hébreu-Français* (1951), p.128.

<sup>23</sup> E. FRIESEL (1996); S. N. EISENSTADT (1951); G. FRIEDMANN (1969).

<sup>24</sup> S. FRIESEL (1956); N. FALBEL (1996); S. SHULMAN (1996); depoimentos.

<sup>25</sup> *Mefalsim* (1950), M. KITRON (1955), M. CARMI (1955).

<sup>26</sup> Bernardo Cymyring mudou seu nome para Dov Tsamir ao chegar em Israel em 1951. A mudança de nome era relativamente comum entre os que, depois de emigrar, procuravam cortar laços com a vida da Diáspora e iniciar uma nova vida na terra de Israel. Rifka Auerbach tornou-se Berezin depois de casar-se.

<sup>27</sup> S. FRIESEL (1956).

<sup>28</sup> O Centro Hebreu Brasileiro era uma instituição que servia como ponto de encontro dos judeus e atuava em favor das vítimas da Guerra, sua função oficial. Na realidade, as atividades do Centro Hebreu eram bem mais abrangentes ainda que clandestinas (indo além do permitido pelo governo getulista que, de 1938 a maio de 1945, proibia a existência de ‘organizações políticas internacionais’ em solo brasileiro): realizava conferências e reuniões culturais, abrigava escritórios de instituições como o KKL (Fundo Nacional Judaico), a Histadrut (Confederação Geral do trabalho), o Poalei Tzion e mantinha um setor juvenil que, entre outras atividades, divulgava cultura judaica e idéias sionistas para os jovens judeus.

<sup>29</sup> Este estágio, também chamado de Machon era oferecido em Israel pela Agência Judaica a jovens judeus sionistas, tinha duração de um ano e incluía cursos de hebraico, história, geografia, cultura judaica, seminários ideológicos e alguns meses de vivência kibutziana. As passagens eram pagas pelos brasileiros (que, para angariar fundos, promoviam festas, reuniam economias e faziam coletas entre a coletividade judaica). A Agência Judaica oferecia os cursos, passeios, hospedagens e as estadias em Eretz.

<sup>30</sup> Para se ter uma idéia, em 1948, os *snifim* de Belo Horizonte e Niterói contavam com mais de 100 elementos cada um, o de Santos, por volta de 60; o de Porto Alegre já preparava chaverim que emigrariam para Israel e o do Rio de Janeiro, cada vez maior, já possuía uma publicação impressa.

(Boletim informativo da kvutzá Berl Katzenelson da Organização Juvenil Sionista Dror. São Paulo. 23.06.1948.). Nessa época, o sionismo estava com cotação alta na coletividade judaica enquanto o *progressismo* perdia cada vez mais adeptos.

<sup>31</sup> G. BOLAFFI (1963).

<sup>32</sup> Elena Camerini. “Conseqüências de um choque”. *Itonenu* n. 1, 1947.

<sup>33</sup> Bernardo Cymyring. “Uma polêmica: nós e o Estado de Israel”. *Itonenu* n. 6, 1948.

<sup>34</sup> *Itonenu* n.7, 1948.

<sup>35</sup> Esta resolução, como conta uma ex-chaverá, foi fruto de um debate interno entre os que achavam que fazer proselitismo entre crianças equivaleria a uma *lavagem cerebral* e os que pensavam que a conscientização e a educação dos judeus para a nova realidade deveria começar desde cedo: *[estes venceram] o debate e nós abrimos o Movimento para as crianças (...). As crianças foram trazidas. O que se faz com elas? Brincadeiras, emprega-se palavras em hebraico, ensina-se cantos e danças em hebraico e se fala em um país chamado Israel, para onde todos nós devemos ir.*

<sup>36</sup> ver os números 1, 2 e 3 do *Boletim Informativo da Kvutzá Berl Katzenelson*, de 1948.

<sup>37</sup> S. FRIESEL (1956).

<sup>38</sup> *Foi o grupo o mais velho que passou pela Hachshará*. S. FRIESEL (1956). G. BOLAFFI (1963) fala em 35 *chaverim*.

<sup>39</sup> *Dror*. n.1. nov. 1949.

<sup>40</sup> *tzofim* - vigilantes; *solelim* - pavimentadores de estradas; *bonim* - construtores; *maapilim* - emigrantes; *magshimim* - realizadores, nomes ligados à ideologia do Movimento que traduzem a evolução, o amadurecimento, pessoal até a “realização” que seria viver a vida comunitária de um kibutz em Israel. Essas divisões e nomenclaturas conheceram mudanças ao longo do tempo de acordo com reavaliações feitas nos Congressos Educacionais e com as transformações institucionais por que passou o Dror, entre elas a adoção de padrões internacionais. Em 1949, por exemplo, a primeira *shichvá*, chamada *pré-tzofim*, englobava meninos e meninas de 8 a 10 anos.

<sup>41</sup> O Movimento chegou a essa posição, segundo um depoimento, a partir de discussões e da insistência de algumas de suas *chaverot* mais velhas, que estudaram o assunto e recomendaram esse procedimento para garantir um maior aproveitamento educacional em cada kvutzá.

<sup>42</sup> M. TUDER. *Princípios da nossa educação*. Kibutz Bror Chail. Hanhagá Elioná - Ichud Hanoar Hachalutzi, 1956.

<sup>43</sup> esse critério de idade mínima para o voto na assembléia variou entre 15 e 17 anos no período estudado.

<sup>44</sup> ver, por exemplo, M. TUDER (1956).

<sup>45</sup> ou *Lishká Merkazit* (Secretaria Central), conforme a época estudada.

<sup>46</sup> J. PINSKY (1977); H. RATTNER (1977); Bila SORJ (1997); B. FAUSTO (1998); R. GRÜN (1999). O texto que se segue sobre a origem familiar está baseado nessa bibliografia e, em boa parte, na análise feita por mim dos depoimentos colhidos.

<sup>47</sup> *Muitas das principais redes de magazines especializados na venda a prazo de bens duráveis tiveram como origem a atividade de um mascate prestamista judeu, sírio ou libanês, que se estabeleceu num segundo momento de sua carreira, operacionalizando o seu aprendizado de operações à crédito a indivíduos de baixa renda numa escala mais ampla. (...) A evolução típica do estágio inicial da inserção econômica dos judeus do Centro e Sul brasileiro deu-se principalmente em direção ao comércio estabelecido e à indústria ligeira de confecção de roupas feitas e, em menor escala, no ramo mobiliário.* (R. GRÜN 1999).

<sup>48</sup> *Nos bairros étnicos, o ritmo de vida nem sempre acompanha o da cidade, caso típico dos sábados judaicos que esvaziavam as ruas comerciais do Bom Retiro.* B. FAUSTO (1998).

<sup>49</sup> F. FERNANDES (1979).

<sup>50</sup> “Especial Israel”. *O Estado de São Paulo*, 14.05.98.

<sup>51</sup> hoje Sigue é Eviatar, nome adotado em Israel; Mira Wainfeld é Perlov, após casar-se com o chaver Davi Perlov.

<sup>52</sup> E. FRIESEL (1996); “Especial Israel”. *O Estado de São Paulo*, 14.05.98., G. Bolaffi. *Uma história da cozinha* (texto 1996).

<sup>53</sup> para detalhes dessa cultura ver J. PINSKY (1997).

<sup>54</sup> G. BOLAFFI (1963).

<sup>55</sup> ver mais sobre a questão de popularidade e *status* no grupo no capítulo III.

<sup>56</sup> E. HOBSBAWM (1977).

<sup>57</sup> ver detalhes sobre a ideologia do Movimento no capítulo II.

<sup>58</sup> ver sobre o “conteúdo” desse sonho no capítulo II, *A imaginação criadora*, e no capítulo III, *expectativas com relação à vida em Israel*.

<sup>59</sup> O quadro dos vários momentos por que passou o Dror no Brasil nas décadas de 40 e 50 baseia-se nos documentos consultados e entrevistas realizadas, mas a periodização é de minha responsabilidade. Embora não sejam de modo algum três fases estanques, são caracterizadas, a grosso modo, para dar uma idéia da evolução do Movimento. Os *ex-chaverim* não têm condições de esboçar tal visão de conjunto, pois ninguém permaneceu por tanto tempo no Movimento no Brasil, do mesmo modo, não há nenhuma fonte documental que estabeleça uma periodização de tão longo prazo. Também não encontrei nenhuma “história oficial” produzida pelo Movimento que abarque o período de 1945 a 1960. Assim, para escrever a História do Movimento, analisei em conjunto artigos publicados, temários e relatórios de congressos (de 1947 a 1963), programas educativos, publicações de todo o tipo, balanços parciais escritos em uma época ou outra e visões relativas a determinados momentos dessa História, com algumas tentativas de comparação temporal, trazidas a tona pelos depoimentos de pessoas que participaram no Dror em épocas distintas ao logo do período estudado.

<sup>60</sup> ver os boletins da kvutzá Enzo Sereni e da kvutzá Berl Katzenelson de 1948 e 1949, textos assinados por Paulo Singer, Sigue Friesel, Buby, Samuel Karabtchevsky, Helena Corinaldi, Jacob Eisenbaum, Bernardo Cymyring, Richard Kanner, Américo Plut, David Perlov e outros.

<sup>61</sup> Após completarem seus estudos, os três emigraram para Israel. Vittorio Corinaldi, o arquiteto, recorda o episódio e reafirma suas convicções favoráveis a alguns dos ideais revolucionários da época em “Lapa - reminiscências e pensamentos”. *Na'Amat Brasil*. n.13. São Paulo. abr. 1997.

<sup>62</sup> João Drucker. “Editorial”. *Boletim da kvutzá Enzo Sereni*. n.3. 1950; S. FRIESEL (1956).

<sup>63</sup> exemplos tirados de depoimentos e do *Programa de ovdim*. Hanagá Artzi, 1951.

<sup>64</sup> *Resoluções do I Kinus Chinuchi*. jul. 1950; “Fundamentos de Nossa Educação”. *Dror*. nov. 1950; *Temário para o IV Kinus Artzi*. jul. 1950; “O que foi o IV Kinus do Dror”. *Dror*. nov. 1950; *Plataforma do Movimento* (ratificada em julho 1951); *Boletim da kvutzá Enzo Sereni* n.3 [1950].

<sup>65</sup> *II Kinus Sul Americano*. mar. 1951.

<sup>66</sup> *II Kinus Chinuchi*. jul. 1951.

<sup>67</sup> As desavenças ocorrem por motivos diversos entre eles o fato de os “argentinos” serem contra a ida dos “brasileiros” para um estágio de preparação num kibutz veterano. (S. FRIESEL 1956; depoimentos).

<sup>68</sup> Na Conferência Mundial dos movimentos juvenis (17.10.1952) é criada uma comissão de educação para *determinar as bases da vida educativa e preparar um programa de ação*. No Congresso de Unificação dos movimentos Dror e Gordônia no Brasil (12.1952), os princípios educativos são delineados no documento “Caminhos e Finalidades educativas”.

<sup>69</sup> Este episódio é mencionado no livro que conta a história do Movimento no Brasil, mas não cita o nome do principal envolvido e aparece como uma lição contra a falta de aprofundamento ideológico. Em sua autobiografia recente, Eviatar [Sigue] Friesel, o mesmo autor do livro *Bror Chail* de 1956, menciona e, dessa vez, nomeia com respeito e admiração o ex-companheiro *perdido* para o movimento socialista no Brasil. Hoje em dia, tanto no Brasil como em Israel, vários entrevistados ainda procuram responder aos argumentos do *ex-chaver* Paulo Singer mostrando como o Estado de Israel foi e é importante para os judeus principalmente os refugiados dos países árabes, da Etiópia e da Rússia. Na época, sob o ponto de vista de alguns companheiros, o *chaver* “desertor” foi considerado um traidor das idéias do Dror. Tal episódio ainda provoca reações.

<sup>70</sup> a distinção drorista entre *burguês* e *proletário* é mais explorada nos capítulos seguintes; no II, em termos mais “ideológicos”, no III, em termos mais “concretos”, na prática cotidiana dos jovens do Movimento.

<sup>71</sup> *II Kinus Artzi do Ichud Hanoar Hachalutzi*. ago. 1953.

<sup>72</sup> O Movimento tinha sua sede em Israel e contava na época com mais de 60 mil jovens filiados em todo o mundo. Ver, por exemplo, *IV Moatzá Artzit do Ichud Hanoar Hachalutzi*. ago. 1958 e *III Veidá Artzit*. fev. 1959.

<sup>73</sup> Nessa época, o Movimento Mundial, embora reconheça a existência de especificidades de cada Movimento territorial, ainda aspira, sem ter conseguido atingi-la, a *unidade educativa e ideológica*. (*III Veidá Artzit*. fev.-mar. 1959.)

<sup>74</sup> *III Veidá Artzit*. fev.-mar. 1959.

<sup>75</sup> ver S. N. EISENSTADT (1977) pp.225-237.

---

<sup>76</sup> segundo o depoimento de uma ex-*chaverá* desse *garin* que vive em Israel e que, recentemente, comemorou lá com ex-companheiros o aniversário do grupo, das 25 pessoas da primeira turma do *garin* destinado a Erez, aproximadamente 1/3 voltou ao Brasil. Dos que ficaram em Israel, apenas 3 vivem em kibutz ainda hoje.

<sup>77</sup> O Dror existe até hoje, mas não tem a mesma expressão característica do período estudado. As páginas do Movimento Habonim Dror na internet, consultadas em 15.02.99, caracterizam-no como um Movimento juvenil sionista com sede em aproximadamente 22 países com mais de 10 mil membros, identificado ideologicamente com o sionismo trabalhista: *As preocupações sociais do Movimento atentam para a responsabilidade com relação a cada companheiro, homem e mulher, um desejo de justiça social tanto na Diáspora quanto em Israel e uma identidade judaica baseada nos valores morais da visão profética judaica. O Movimento tem chamado seus membros a fazer aliá, tem fundado kibutzim e enviado seus membros para kibutzim onde podem colocar em prática o socialismo aprendido no Movimento. (...) Recentemente tem havido uma tendência em alguns países em se questionar a validade dos pilares [do Movimento: sionismo, socialismo e aliá]. Os questionamentos: o kibutz hoje realmente representa o socialismo? É possível viver uma vida judaica produtiva permanecendo indefinidamente na Diáspora? A aliá de classes ocidentais educadas e privilegiadas é viável? (...).*

<sup>78</sup> S. FRIESEL (1956).

<sup>79</sup> B. SORJ (1997), M. GRIN (1997), H. RATTNER (1977).

<sup>80</sup> H. RATTNER (1977).

<sup>81</sup> M. GRIN (1997).

<sup>82</sup> M. GRIN (1997).

<sup>83</sup> H. RATTNER (1977).

<sup>84</sup> Conforme o desinteresse pela vida em Israel e pelo socialismo aumentava, o Movimento juvenil ia se esvaziando. Somando-se aos motivos apresentados aqui para explicar o declínio dos movimentos juvenis, poderíamos acrescentar, outros: a diminuição do poder político dos *kibutzim em Israel*, a normalização das condições de vida dos judeus, o aparecimento de novas formas de lazer e pontos de encontro para os jovens, o conservadorismo de gênero presente na comunidade judaica e na sociedade brasileira, o desencanto diante do socialismo ou da utopia “concretizada”, a mudança de *status* dos movimentos juvenis israelenses (a partir de 1950). Os depoimentos trazem outras luzes à questão, mesmo porque cada entrevistado que abandonou o movimento apresenta sua justificativa individual. (ver capítulo III)

<sup>85</sup> ORGANIZACION SIONISTA MUNDIAL. *Movimentos juveniles judios*. Organizacion Sionista Mundial. Agencia Judia para Israel, Departamento de la juventud y del Jalutz, 1963.

<sup>86</sup> E. FRIESEL (1996).

<sup>87</sup> G. BOLAFFI (1963).

<sup>88</sup> cálculos feitos com base nos dados do Relatório dos snifim à *II Veidá Artzit* (02.1956).

<sup>89</sup> G. BOLAFFI (1963).

<sup>90</sup> ORGANIZACION SIONISTA MUNDIAL (1963).